A odisseia do ferro de Moncorvo até à Ferrominas

Nelson Campos

in «Revista Colégio Campos Monteiro», Outubro 2010

Foto da abertura: Exploração de ferro na mina da Cotovia ou Portela de Felgueiras (serra do Roboredo). Engº Gustav Schoenflick (engenheiro de minas alemão) e grupo de mineiros recrutados no concelho de Moncorvo, em 1936. *Foto do arquivo de família de D. Ilse Semmler [cópia no Centro de Documentação do Museu do Ferro & da Região de Moncorvo]*

Alguns projectos do Museu do Ferro & da Região de Moncorvo para recuperação de vestígios e memórias

A odisseia do ferro de Moncorvo até à Ferrominas

Nelson Campos

À memória do Eng.º Gabriel Monteiro de Barros, moncorvense adoptivo que sonhou para a região um futuro de Progresso baseado nas minas de ferro.

Como escrevemos algures, o aparecimento da Ferrominas (em 1951) foi, a par da chegada do comboio (em 1911 chega à estação de Torre de Moncorvo) e da fundação do Colégio Campos Monteiro (em 1936), um dos acontecimentos mais marcantes da história de Moncorvo no século XX, ou, pelo menos, dos primeiros três quartos desse século.

O comboio e as minas, desde que estas despertaram interesse no quadro dos intentos industrialistas do último quartel do séc. XIX passaram a ser função uma coisa da outra, figurando logo o caminho de ferro como uma condição *sine qua non* nos primeiros relatórios dos engenheiros de minas que se referiram ao minério de ferro de Moncorvo. É de salientar o artigo do Engº. Costa Serrão na *Revista de Obras Públicas e Minas*, em 1890, em que este autor faz a defesa fundamentada da linha de Pocinho a Miranda do Douro[1].

Sobre o colégio Campos Monteiro, não sendo objectivo deste artigo, apenas diremos que fez parte do outro tipo de sonho (depois da extinção do antigo colégio de Santo António, nos inícios do séc. XX) tendo como sonhador, desta feita, o Dr. Ramiro Salgado. O colégio surgiu assim no meio do arco

1 SERRÃO 1890, pp.117-118.

temporal entre os dois factos anteriores, num tempo em que as minas eram ainda uma grande expectativa, dando-se o feliz caso de uma criança, filha de um engenheiro de minas alemão a trabalhar na Serra do Roboredo nos anos 30, aqui ter aprendido a ler e escrever a língua portuguesa, que ainda hoje tão bem domina[2].

Regressando ao tema que nos foi proposto, antes de nos referirmos concretamente à Ferrominas, é essencial passarmos em revista o longo historial do problemático minério de ferro de Moncorvo, o que de certo modo já se encontra realizado através dos estudos de Jorge Custódio desde os anos 80[3], a despeito de algumas dúvidas e incertezas, sobretudo na conjuntura inter-guerras mundiais, como o próprio autor aponta, e, pensamos nós, mesmo na(s) fase(s) Ferrominas.

Interessa-nos, sobretudo, medir a dimensão do mito, aferir do gigantismo das expectativas criadas (aliás a palavra "expectativa", a par de "desilusão", são as que mais se encontram em qualquer historial sobre o ferro de Moncorvo) e o seu impacto na comunidade local.

Momentos da história do Ferro de Moncorvo

Muito esquematicamente a História geral do aproveitamento do minério de ferro de Moncorvo pode considerar-se em três grandes períodos:

1°. – a que podemos chamar o da sua "pré-História"[4], corresponde à "era das ferrarias"[5], hoje apenas marcadas pelos escoriais, vestígios de um longo período obscuro que terá começado na Idade do Ferro, ou, com mais certeza, na época romana, e que chegou ao fim no século XVIII[6].Seguramente nesta tão longa duração houve descontinuidades, seguidas de "redescobertas", permanências e transferências de saberes dentro das tradições familiares das gerações desses primeiros mineiros e metalurgistas e, até, interferências das estruturas de poder, sobretudo na fase do Estado Moderno, a partir do séc. XVI até ao séc. XVIII[7].

2°. - Um segundo momento, algo fugaz, a que podermos chamar de "proto-História" da exploração do ferro de Moncorvo, equivale a um momento de ruptura tecnológica e na organização social da exploração, no quadro do que se convencionou chamar proto-indústria: trata-se da ferraria-forja da Chapa

2 Trata-se da Sr.ª D. Ilse Semmler, que frequentou o colégio entre 1937 e 1943, cf. depoimento da mesma no artigo "Recordações da minha Infância", in Revista Colégio Campos Monteiro, nº.1, Palimage. Braga, 2006, p.55-56. A D. Ilse Semmler a residir na Alemanha, nos últimos anos têm vindo regularmente a Portugal, mais especificamente a Torre de Moncorvo. É sócia da Associação dos Antigos Alunos e Amigos do Colégio Campos Monteiro e também Amiga do Museu do Ferro & da Região de Moncorvo.

3 Custódio 1983, Custódio 2002A E Custódio 2009.

4 Esta designação é tomada por analogia da clássica classificação das três Idades em que normalmente se subdivide o tempo histórico, sem que haja, obviamente, um sentido cronológico, já que o nosso objectivo é apenas operatório (e metafórico).

5 Expressão usada por J. Custódio (obras citadas), a partir de RIBEIRO, 1856 - ver: CUSTÓDIO 1983, p. 86.

6 Sobre as ferrarias da Antiguidade na região de Moncorvo, salientamos os estudos pioneiros do Prof. Adriano Vasco Rodrigues e Maria da Assunção Carqueja, nos fins dos anos 50-inícios de 60 (RODRIGUES 1962), bem como o projecto de estudo dos escoriais implementado por Jorge Custódio em 1982 (CUSTÓDIO 1983) e que tem sido continuado pela associação do PARM, no âmbito da carta arqueológica do concelho de Torre de Moncorvo.

7 J. Custódio, citando uma memória do Barão de Eschwege (Memória sobre as Minas descobertas neste Reino, BN, cod. 8523) diz que Manuel da Cruz Santiago [ou Manuel Santiago da Cruz] administrador das Minas do Reino nos princípios do séc. XVIII, talvez durante 40 anos, explorou as minas e "fábricas" de ferro de Felgueiras e Carviçais, e outras do país, com as quais gastou mais de 130.000 cruzados.

Cunha, fundada por Domingos Martins Gonçalves e António José Braga, dois empresários *avant la lettre* vindos do Porto, e que criam uma infra-estrutura para transformação do ferro junto da ribeira de Mós (no antigo concelho de Mós), em 1790. Foram construídos edifícios (de que subsistem ruínas), um dique e uma levada (desaparecidos), estruturas de fundição (não localizadas), além de diversos maquinismos inerentes à tecnologia das antigas forjas da Biscaia e do chamado forno catalão[8]. A laboração desta unidade de produção que, tal como na tradição anterior, ainda associava a extracção mineira à metalurgia e, na fase final, à produção de objectos (cutelaria)[9], se não teve o êxito que se esperava, suscitou, no entanto, grandes expectativas, além das dos seus promotores, a começar pelo Dr. José António de Sá (1756-1819), corregedor da comarca de Moncorvo e um desenvolvimentista convicto que acompanhou a experiência a par e passo e sobre ela dissertou[10]. A Chapa Cunha parece também inaugurar a vasta literatura sobre o ferro de Moncorvo, sendo desde cedo referida na obra de M. Link (1767-1851)[11] e constando de alguma documentação publicada (*Relação das fábricas do reino*, 1788; José Acúrsio das Neves[12]) ou manuscrita[13]. Escrevia o barão de Eschwege (1777-1855), a propósito do ferro de Moncorvo: "podião aqui florescer muitas fábricas de ferro e aço, por espaço de muitos séculos", preconizando já o Douro como via de escoamento para o exterior[14]! A nível nacional o atribulado historial da Chapa Cunha corre em paralelo com o da fábrica da Foz do Alge (Figueiró dos Vinhos) a qual beneficia de uma literatura muito mais ampla, dada a sua importância superior, tendo encerrado pouco tempo depois da de Mós[15].

3º - Depois de um certo letargo, falida a Chapa Cunha, o terceiro momento corresponde, finalmente, à grande "História" do minério de Moncorvo, quando se gerou a vasta massa documental e literária à volta do jazigo de ferro, a partir dos anos 70 do séc. XIX, já num momento adiantado do liberalismo português e até do movimento da Regeneração. O fenómeno ocorre depois da guerra franco-prussiana e no quadro de um período de alta de preços do minério nos mercados internacionais, além das expectativas crescentes, a nível das classes pensantes nacionais, quanto a um industrialismo com base no carvão, no ferro e no aço, à semelhança do que se passava nos países mais desenvolvidos da Europa, em especial do bem-sucedido caso alemão na bacia do Ruhr. Esta "História", que julgamos ainda não estar encerrada, é susceptível de se poder dividir também em várias etapas:

8 CUSTÓDIO 1983, p. 46 e ss.; idem 2002b), in CUSTÓDIO & CAMPOS 2002, pp. 96-115.
9 CUSTÓDIO 2002b.
10 José António de Sá, Memória sobre a ferraria de Mox de Carviçais da minha comarca estabelecida por Domingos Martins Gonçalves, etc.", doc. existente na Torre do Tombo, public. in CUSTÓDIO 1983, pp. 68-73. As observações anotadas por J. A. de Sá decorreram entre os dias 16 de Fevereiro e 2 de Abril de 1785.
11 LINK 1805.
12 NEVES 1814.
13 Publicada por J. Custódio, obras cit..

14 CUSTÓDIO 1983, p. 55.
15 Segundo CUSTÓDIO 2002b, o encerramento da Chapa Cunha deve ter sido por volta de 1830, enquanto o da Foz do Alge acontece por volta de 1837. Sobre esta, ver ESCHWEGE 1838 [2007].

1ª – "Corrida às minas" (anos 70 do séc. XIX)

2ª – Presença de interesses internacionais e tendência para a concentração das concessões (anos 90 do séc. XIX e inícios do séc. XX) que culminará na criação de dois coutos mineiros (1ª metade do séc. XX), com grandes trabalhos de pesquisa por parte dos vários intervenientes, até à Segunda Guerra Mundial.

3ª – Fase da Ferrominas no pós-Segunda Guerra Mundial e depois de 1950. Quanto à fase da Ferrominas podemos depois considerar vários momentos, como adiante veremos.

Algumas palavras se impõem, sobre cada uma destas fases, a começar pelo súbito interesse pelo ferro de Moncorvo:

A corrida às minas dos anos 70 do séc. XIX parece ter-se despoletado no seguimento de um primeiro registo efectuado por um engenheiro de minas alemão, Adolfo Leuschner (que trabalhou com o eminente geólogo Carlos Ribeiro), em 1872, o que terá motivado de imediato outros interessados, pessoas ligadas à burguesia comercial e financeira de Lisboa e do Porto[16]. Só entre 1872 e 1874 surgem registadas 33 concessões de um total de 35 que vão, de futuro, constituir o jazigo de Moncorvo. Surge, por esta altura, uma Companhia Exploradora do Ferro da Serra do Roboredo, que, no entanto, não deve ter saído do papel.

Num segundo momento deste Período, perante a impossibilidade de se partir para uma exploração industrial com tão grande espartilhamento das concessões, e constatada a incapacidade dos concessionários empreenderem a exploração mineira, para mais sem uma indústria metalúrgica capaz de absorver os minérios extraídos, depois de um período de letargo que dura os anos 80 do séc. XIX, vamos assistir à movimentação de grandes grupos económicos de capitais estrangeiros, sobretudo a partir dos anos de 1890. O "detonador" deste segundo surto de interesses, terão sido:

- os estudos técnicos entretanto feitos, com destaque para o relatório dos Engenheiros Pedro Victor da Costa Sequeira (1846-1905) e Lourenço A. Pereira Malheiro (1844-1890) publicado em 1880[17];

- a divulgação que se continuava a fazer dos minérios de Moncorvo (por exemplo, amostras minerais com bons teores de Fe haviam estado patentes na Exposição Universal de Filadélfia, 1876; além de um gigantesco bloco de 1.700 kg levado para a Exposição Nacional da Indústria Fabril de Lisboa, na Avenida da Liberdade, em 1888[18]);

- o entusiástico artigo do Eng.º Rego Lima em que defende um verdadeiro complexo siderúrgico nas proximidades das minas, com altos-fornos a ins-

16 Curiosamente o segundo registo pertence a um moncorvense, João António de Campos (n. 1811), escrivão da administração do concelho, que parece representar um grupo lisboeta que aparece com 10 concessões (CUSTÓDIO 2002a, p. 72).

17 SEQUEIRA & MALHEIRO 1880 – este relatório fundamental, onde se apresenta a primeira cartografia da serra do Roboredo e das concessões mineiras, data de 1875, sendo publicado apenas em 1880.

18 CUSTÓDIO 1983, p. 58; CUSTÓDIO 2002a, p. 71, nota 7; ROLLO 2005, p. 18-19.

talar no Pocinho ou na Foz do Sabor[19], com "caminhos-de-ferro aéreos" (teleférico?), convertidores Bessemer para produção de aço, trens de laminagem, um forno Martin-Siemens, etc., ou seja, sonhou um pequeno Ruhr "à portuguesa" com base dos minérios do Roboredo e às portas de Moncorvo;

- o já citado artigo do Eng.º Costa Serrão defendendo a linha férrea Pocinho-Miranda (que viria a ser a linha do Sabor) em articulação com a linha do Douro até Leixões, mas também para a fronteira buscando uma aproximação aos jazigos de Bilbao, tendo o minério de Moncorvo como epicentro e a siderurgia como desígnio nacional;

- para cúmulo, entre 1891 e 1892, durante um ano, um engenheiro alemão, Luíz Handershagen, ligado a uma companhia inglesa com representação em Lisboa (R. Orey & Cia.) viria a percorrer a Serra do Roboredo de lés a lés, observando, seleccionando e analisando os minérios, elaborando mapas, tendo então estimado o potencial jazigo em cerca de 100 milhões de toneladas (50 milhões acima dos cálculos de Pedro Victor da Costa Sequeira e Lourenço Malheiro).

Handershagen, parece ter adoptado a ideia de transportador aéreo de Rego Lima, que serviria para conduzir o minério a Leixões, podendo, no futuro, poder vir a transformar-se na região. Chegou a reunir capitais para o efeito, mas os irmãos Tomás Victor e Pedro Victor, com fortes influências políticas e detentores de grande parte das concessões, frustraram estes intentos, com alegação de que os investidores pretendiam apenas exportar o nosso minério para o estrangeiro. Esta questão teve impacto na comunicação social da época, o que mais deve ter suscitado o interesse nas minas de Moncorvo[20].

Um engenheiro alemão

A nível local, as deambulações do engenheiro alemão e os ecos do exterior tinham criado grandes expectativas, sobretudo em tempos de grande fome, a qual seria minorada se se pugnasse, "novamente pela exploração das minas do Roboredo no momento em que se constitui em Inglaterra uma Companhia para adquirir, desenvolver e negociar propriedades mineiras em Portugal", esperando-se que os concessionários arrendassem as suas concessões por preços razoáveis para que se efectivasse a exploração – reclamava *O Moncorvense*, em 20.01.1895.[21] O tema da exploração do ferro em Portugal extravasava, nesse período, o interesse de técnicos e investidores: também intelectuais como Rocha Peixoto metiam a foice na matéria, reclamando, na imprensa, esse aproveitamento. Peixoto destaca o minério de Moncorvo que, seguindo a literatura técnica, considera melhor do que o de Bilbao, defendendo a construção do caminho de ferro

19 LIMA 1890a e LIMA 1890b.

20 CUSTÓDIO 1983, p. 58-59 e CUSTÓDIO 2002a, p. 79. Acrescente-se que um dos accionistas interessados no projecto de Handershagen era o moncorvense António Caetano de Oliveira, grande capitalista e par do Reino.

21 FERNANDES 2006, p. 45, citando o jornal O Moncorvense de 20.01.1895.

Exploração em 1951

para as minas, na linha de Costa Serrão e outros [22].

Após a desistência de alguns concessionários nos anos 1890, face à inexistência de uma saída como atrás foi dito, grande parte das concessões mineiras passam para a posse do Estado que as coloca em concurso público. Em resultado deste, essas concessões são adquiridas pelo Syndicat Franco-Ibérique liderado por Georges Saint-Clair e o Barão de Traversay (cerca de 1897), sendo este o grande interventor no terreno nos últimos anos do séc. XIX, como ficou atestado na imprensa da época, nomeadamente *O Primeiro de Janeiro*, que já em 27.06.1896 apresentara um importante artigo sobre os "Jazigos de Ferro do Roboredo"[23]. Em 13.06.1897, o articulista de *O Primeiro de Janeiro* ainda não familiarizado com os nomes do empresário e da empresa escreve: "Saint-Hilaire [sic], representante do Syndicat Franco-Etranger [é "Franco-Ibérique"] pretende explorar uma grande parte dos jazigos de ferro de Moncorvo"[24]. Já no ano seguinte em 8.06.1898, escreve o correspondente de *O Primeiro de Janeiro*: "Esteve entre nós o Sr. Saint-Clair, arrematante das minas de ferro do Roboredo, tendo re-

22 Estas intervenções de Rocha Peixoto (1868-1909) foram feitas pelo menos em dois artigos: num ensaio publicado na Revista de Portugal, vol. III, nº 14, Porto, Novembro de 1890, pp. 184-194 e em artigo em O Primeiro de Janeiro (Porto), de 9.09.1893, depois reeditado no livro A Terra Portuguesa (crónicas científicas), Porto 1897, pp. 213-223 – cf. PEIXOTO 1972, sob os títulos: "Museus Regionais" (pp.241-245) e "Carvão e Ferro" (pp.305-310).

23 O Primeiro de Janeiro, 1896.06.27, p. 1, c.3. cit. por FERNANDES 1993.

24 O Primeiro de Janeiro, 1897.06.13, p. 2, cf. FERNANDES 1993.

gressado ao Porto"[25]. Voltou e partiu de novo, logo no mês seguinte, para depois voltar: "partiu o Sr. Saint-Clair para o Porto. Volta em Agosto"[26].

No primeiro trimestre do ano seguinte (09.03.1899) há mais notícias: "enviados pelo governo acham-se n'esta villa alguns inginheiros para proceder à demarcação dos terrenos mineiros do Roboredo [sic]. O Sr. de SaintClair, concessionário das minas chegou hoje (...)"[27]. Em 27 de Março é a vez de *O Século* anunciar: "Ao que parece vão entrar em plena exploração os abundantes jazigos de ferro de Moncorvo"[28], referindo especificamente as concessões de Carvalhal, Carvalhosa, Carvalhosinha e Mua. Diz-se que Saint-Clair possuía 21 das 30 concessões do jazigo, e lamentava-se que a intenção do empresário fosse apenas a extracção para exportação, sem que se verificasse a tal grande expectativa que era a redução do minério na região. Do mal, o menos: "O Sr. G. St Clair ocupa já cerca de 100 homens explorando os jazigos de Moncorvo a fim de se certificar da pujança, da profundidade a que atinge a massa ferrífera". Obras projectadas para se efectivar a lavra regular do jazigo: "construção de um caminho-de-ferro de via reduzida desde Moncorvo até à estação do Pocinho, na extensão de 23 km, vadeando o Rio Douro por meio de uma ponte de ferro; / construção de um ramal de via larga, ligando Ermesinde ao Porto de Leixões e serviço exclusivo para o transporte mineiro; / Construção de uma ponte no Porto de Leixões para acostagem privativa dos navios que venham carregar minério"[29].

Entretanto os projectos ferroviários estavam em curso já desde o ano anterior, como também dá conta *O Primeiro de Janeiro*: "Um inginheiro frances / ... / tem andado, desde o dia 9 do corrente [Fevº. de 1898], a proceder aos primeiros trabalhos graficos para o traçado de um caminho de ferro, de via reduzida, que deve ligar aquella villa e o Monte Roboredo com a linha férrea do Douro, e que é destinado ao transporte do minério d'esse monte e do Cabeço da Mua"[30]. No dia 20 de Março, o mesmo jornal volta ao tema do "traçado da linha férrea para a exploração das minas"[31] e em Junho conclui: "Terminaram os trabalhos do estudo da linha férrea para a exploração das minas do Roboredo"[32].

Este corrupio, suscitado pelas idas e vindas de um magnata da importância de St. Clair a Torre de Moncorvo, grandes explorações no terreno e projectos ferroviários em curso obviamente deram nas vistas de potenciais clientes ou concorrentes.

É também pela imprensa que o sabemos: "Já aqui estiveram mais alguns inginheiros em commissão d'uma casa importante de Londres. Visitaram por vezes os jazigos ferríferos do Roboredo, levando algumas amostras

25 O Primeiro de Janeiro, 1898.06.08, p. 1, c.5, cf. FERNANDES 1993.
26 O Primeiro de Janeiro, 1898.07.02, p. 1, c.5-6, cf. FERNANDES 1993.
27 O Primeiro de Janeiro, 1899.03.09, p. 1, c.5, cf. FERNANDES 1993.
28 O Século, 1899.03.27, art. intitulado: "Minas de Ferro de Moncorvo".
29 Idem.
30 O Primeiro de Janeiro, 1898.03.05, p. 1, c.4-5, cf. FERNANDES 1993.
31 O Primeiro de Janeiro, 1898.03.20, p. 1, c.2, cf. FERNANDES 1993.
32 O Primeiro de Janeiro, 1898.04.06, p. 1, c.4, cf. FERNANDES 1993.

de minério"[33]. Exactamente por essa altura St. Clair instala-se em Moncorvo[34]. E os trabalhos de prospecção/extracção mineira prosseguiam em bom ritmo: "Nos trabalhos das minas do Roboredo andam já uns 80 homens e continua a ser admitida gente"[35], com tendência a aumentar: "No Roboredo (minas) trabalha actualmente um grande número de homens"[36].

Por esta altura, os escritórios, gabinetes de estudo e desenho, espaço de concentração e análises de amostras e até alojamento de técnicos, funcionaram nas instalações do antigo convento de S. Francisco[37], demolidas entre 1911 e 1912, para construção do Asilo (hoje Lar) Francisco Meireles[38].

Os trabalhos do Syndicat de Saint-Clair foram seguramente os primeiros grandes trabalhos de prospecção sistemática do jazigo de ferro de Moncorvo e o seu impacto, em termos de expectativas na região devem ter sido tremendos!

Esses trabalhos foram igualmente determinantes para o conhecimento do minério do Roboredo, já que o empresário para aqui mobilizou conceituados engenheiros de minas e geólogos, tais como Stéphen Czyzkowski e Horace Busquet, que entre 1898 e 1899 efectuaram uma prospecção metódica e sistemática com 1396 análises químicas[39].

No entanto, as conclusões dos técnicos de Saint-Clair não devem ter sido satisfatórias, acabando o Syndicat Franco-Ibérique por vender os direitos à famosa empresa francesa Schneider & Cie. (ligada ao complexo siderúrgico de Le Creusot), por volta de 1900. Um dos técnicos do Syndicat, o Eng.º Busquet, agora ao serviço da Schneider, vai continuar as prospecções, através de grandes sanjas, sendo autor dos perfis estratigráficos de que se guardam algumas cópias, procedentes da ex-Ferrominas, no Centro de Documentação do Museu do Ferro & da Região de Moncorvo. Mais tarde (anos 20), outros técnicos da Schneider concluiriam que o minério de Moncorvo era de difícil aproveitamento industrial, com obstáculos ao enriquecimento, tendo em conta as tecnologias siderúrgicas de então, embora pudesse ter interesse, como reserva, na expectativa de uma evolução tecnológica no tratamento e redução dos minérios, constituindo assim "uma vantagem económica estratégica em conjunturas de esgotamento"[40].

Daqui devia ter resultado um novo esmorecimento dos entusiastas da exploração do minério de Moncorvo no quadro da industrialização portuguesa, mas tal parece não ter acontecido, pois o discurso político dos últimos anos da monarquia continua a gritar pela implementação da siderurgia, com utilização do minério de Moncorvo, apesar da falta de carvão também de qualidade, em Portugal. O economista e deputado

33 O Primeiro de Janeiro, 1899.04.01, p. 1, c.2, cf. FERNANDES 1993.
34 O Primeiro de Janeiro, 1899.04.02, p. 1, c.2: "Saint Clair já arrendou casa nesta villa", cf. FERNANDES 1993.
35 O Primeiro de Janeiro, 1899.04.21, p. 1, c.3-4, cf. FERNANDES 1993.
36 O Primeiro de Janeiro, 1899.05.27, p. 1, c.3, cf. FERNANDES 1993.
37 FOLGADO 2002, p. 144.
38 REBELO 1992, p. 7 e FERNANDES 2008, p. 73.

39 CUSTÓDIO 2002a, p. 76, segundo fontes do IGM e NAIQUE 1982.
40 CUSTÓDIO 2009, p. 196.

Paulo de Barros, imbuído dos princípios doutrinários proteccionistas que faziam escola desde os finais do séc. XIX, chega a propor, em 1903, um projecto de lei para aquisição, exploração e venda, por conta do Estado, de todos os jazigos carboníferos (...) e ferríferos nacionais, e para três oficinas metalúrgicas[41]. Uma destas unidades metalúrgicas, no Norte, deveria ficar junto de S. Pedro da Cova, em detrimento da zona de Moncorvo, por aqui não haver carvão (hulha) indispensável ao processo de redução.

Já após a implantação da República (em 1912) o Eng.º Ezequiel de Campos, defende a utilização da electricidade no processo siderúrgico e que os minérios de Moncorvo deveriam ser previamente concentrados e loteados com outros minérios em Leixões, inclinando-se depois para a possibilidade de uma grande siderurgia na zona de Lisboa (como viria a acontecer, seguindo o paradigma da frustrada tentativa de acearia em Alcochete, a cuja comissão de avaliação Ezequiel de Campos pertencera). Defende ainda a navegabilidade do Douro para se efectuar o transporte do minério de Moncorvo para o Porto, ideia que também seria retomada muito mais tarde, aquando dos projectos dos alemães da Minacorvo (anos 60) e do Projecto Mineiro de Moncorvo de 1979.

Entretanto, em 1912, as poucas concessões fora do controlo da Schneider viriam a ser adquiridas por um engenheiro de minas e empresário jugoslavo nascido no antigo Império Austro-Húngaro: Wilhelm Wakonigg Hummer (1876-1936). A empresa de Hummer já com interesses na Biscaia (minas de ferro de Bilbao), surge-nos em 1910 a registar minas em Portugal, por exemplo em Cerro de Rossio (Herdade do Sobro, Aljezur, no Algarve)[42].

A acção de Hummer no jazigo de Moncorvo decorre numa fase ainda anterior à Primeira Grande Guerra, em que retoma prospecções no Cabeço da Mua, Santa Maria e Fragas da Cotovia, trabalhos que lhe foram interditados e os bens arrolados, em consequência da entrada de Portugal no conflito (1916) e tendo em conta a sua nacionalidade ligada às potências centrais. Recuperou as concessões mais tarde, no pós-guerra, tendo promovido um dos mais importantes estudos realizados até então no jazigo de Moncorvo, de que foi autor o eminente geólogo espanhol D. Primitivo Hernandez Sampelayo, ainda hoje obra de referência[43]. Por essa altura, em 1927, Wakonigg Hummer transmitiu as suas concessões à Companhia Mineira de Moncorvo, cujo capital pertencia a outra empresa alemã, a Barbara Erzbergbau, a qual integrava o Grupo August Thyssen. Com vista a desenvolver as prospecções em profundidade nas diversas concessões, foi contratado em 1929 um engenheiro de minas alemão, Gustav Schoenflick (1885-1957), já com experiência no trabalho de minas ferro no Brasil (Minas Gerais) entre 1923-26 e em Freijo (Monforte de Lemos, Espanha), onde trabalhou entre 1927 e 1929 para a S. A. Minerales

41 ROLLO 2005, pp. 24-26.

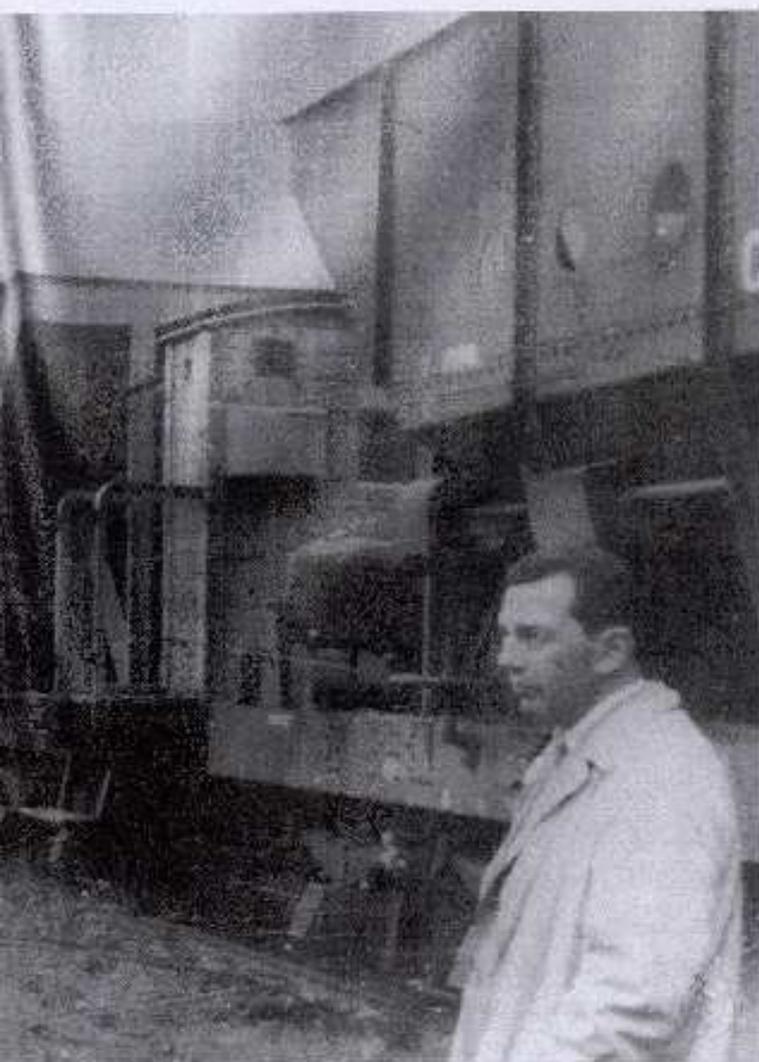
42 Diario do Governo – Colecção Official da Legislação Portugueza, ano de 1910, vol. II (de 5 de Outubro a 31 de Dezembro de 1910). Lisboa, Imprensa Nacional, 1911.
43 SAMPELAYO 1929.

de Hierro de Galicia[44]. O Eng.º G. Schoenflick desenvolveu um extenso programa de trabalhos no Cabeço da Mua (pensamos que entre 1930-1934) e nas Fragas da Cotovia (1935 em diante) aí abrindo extensas galerias, chaminés e um poço de 90 metros no interior da Mua, além de outro, de 30 metros, em Santa Maria[45].

É possível que tenha sido também sob sua direcção que se realizou (ou aprofundou) a galeria da Fraga do Facho, recentemente posta a descoberto[46]. Segundo os dados do Boletim de Minas, foi extraída uma apreciável quantidade de minério, na ordem de 15.279 toneladas, se bem que se registe apenas depósito apenas de 3000 t., o que, mesmo assim é significativo[47]. Houve quem escrevesse que no período da Segunda Guerra Mundial se embarcava no Pocinho durante a noite, grande quantidade de minério para a Inglaterra[48]. Os poucos efectivos de pessoal com que se trabalhava, neste período, na base de uma dezena de trabalhadores[49] com ausência de máquinas e de consideráveis meios de transportes, não autorizam a pensar numa extracção de grande escala, mas apenas dimensionada para a prospecção e análise, o que não quer dizer que fossem enviadas quantidades de amostras significativas, na ordem de algumas toneladas, para ensaios de fundição.

Engº Monteiro de Barros, cerca de 19[illegible], com vagões do minério, no Pocinho

Embora BARROS 1983 (p.95) afirme que pouco antes da Segunda Guerra Mundial, em 1938 os trabalhos da Companhia Mineira de Moncorvo tivessem sido suspensos, por motivo da integração da Barbara Erzbergbau da Vereignigte Stahlwerke, o gigante estatal do aço alemão desse período, a verdade é que o engenheiro alemão se manteve em Moncorvo até 1942. Enquanto isso, Wakonigg Hummer, que desde 1927 (?) se encontrava em Bilbao, foi capturado pela República Espanhola sendo acusado de espionagem em prol

44 Informações fornecidas em 2005 pela D. Ilse Semmler, filha do Eng.º G. Schoenflick, a que muito agradecemos.
45 Apoiamos estas afirmações na análise de algumas fotografias de que nos foram facultadas cópias pela Sra. D. Ilse Semmler, assim como nos dados do Boletim de Minas de 1926-36, citados por MADEIRA 1942, p. 310.
46 Foi já posicionada pelo GPS, cartografada e fotografada por elementos do PARM e do Museu do Ferro & da Região de Moncorvo.
47 MADEIRA 1942, p. 310.
48 DIONÍSIO s/d [1970], p. 513. CUSTÓDIO 2002a, p. 71, salienta este aspecto, embora diga que o Eng.º G. Monteiro de Barros não achava credível essa referência.
49 Cf. Ilse Semmler, "Recordações da minha infância", in Rev. do Colégio Campos Monteiro, nº 1, Palimage, Braga, 2006, p. 55.

dos Nacionalistas, e, como tal executado, em Novembro de 1936[50].

Decorria a Segunda Guerra Mundial quando se realizou o II Congresso de Trás-os-Montes organizado pela Casa dos Trasmontanos de Lisboa[51]. Foi ocasião para de novo se badalar o ferro de Moncorvo. Algumas comunicações se lhe referiram, embora o grande trabalho de fundo seja a do professor Adriano Rodrigues, intitulada "O problema nacional do ferro", em que faz um extenso historial das intenções de aproveitamento do ferro e da instalação da siderurgia em Portugal, com referência ao ferro de Moncorvo[52]. Analisa os prós e contras e conclui pela necessidade de uma indústria metalúrgica com recurso à tecnologia de ponta, à época, baseada nos fornos eléctricos (electro-siderurgia), tema que vinha fazendo escola desde os inícios do séc. XX, tendo em Ezequiel de Campos um dos grandes defensores. Noutra comunicação ao mesmo congresso, António C. Madeira, defendendo também a electro-siderurgia, chega a propor o "aproveitamento hidroeléctrico do Sabor ou, no caso de insuficiência, do Douro internacional", como solução indispensável e urgente à exploração mineira de Moncorvo[53], de forma a obter-se energia para os fornos eléctricos que aqui se deveriam instalar.

Depois da Segunda G. Guerra as concessões da Companhia Mineira de Moncorvo acabaram por ser arroladas pelo Governo Português, para que não fossem confiscadas pela comissão dos Bens Aliados, a título de indemnizatório, situação que só seria resolvida em 1957 quando a referida companhia passaria a ser gerida pela Gewerkschaft Exploration (depois Exploration & Bergbau) integrada no Grupo Thyssen[54]. Da Companhia Mineira de Moncorvo

50 Ver o recente livro de Ingo Niebel, Al infierno o la gloria, Ed. Alberdana, 2009 – biografia de W. W. Hummer; e ainda: José Manuel Azcona Los desastres de la guerra civil: La represión en Bilbao (Júlio de 19836-junio de 1937). Ed. Universidad Rey Juan Carlos, Madrid, 2007, p. 32-33. Este autor diz que no momento da execução Hummer gritou: "Viva a Alemanha!", mas Niebl diz que proferiu a célebre saudação: "Heil Hitler!"

51 LIVRO DO SEGUNDO CONGRESSO TRASMONTANO. Edição da Casa de Trás-os-Montes e Alto-Douro, Lisboa, 1942.

52 RODRIGUES 1942. António José Adriano Rodrigues (1890-1981), coronel tirocinado, foi lente da Faculdade de Engenharia/Engenharia de Minas da Universidade do Porto e reitor da mesma universidade entre 1943 e 1946.

53 MADEIRA 1942, p. 317. – Com efeito, há notícia de levantamentos topográficos realizados nos anos 30 ou 40, no vale do Sabor, perto da Abeleira, tendo aí morrido um topógrafo por queda de um penhasco.

54 BARROS 1983, p. 95.

(C.M.M.) viria a resultar a Minacorvo - Exploração e Desenvolvimento Mineiro de Moncorvo, Lda., constituída em 1966, com participações de outros grupos siderúrgicos, mantendo-se, contudo, a existência da C.M.M.. Na segunda metade dos anos 60 do a C.M.M. e Minacorvo vão investir na construção da Lavaria-piloto (a caminho do Felgar) e no tratamento e ensaios de minério no Cabeço da Mua, que era concessão sua. Tendo falhado uma tentativa de se associarem à Siderurgia Nacional, nos finais dos anos 60, acabam por desistir das concessões que detinham, sendo dissolvidas em 1976. Nessa altura a Ferrominas, EP acabaria por integrar todas as concessões, tendo em vista o desenvolvimento do chamado Projecto Mineiro de Moncorvo. Não deixa de ser irónico que no momento em que se reuniram, finalmente, todas as concessões, criando condições para a exploração em grande escala, as minas de tenham sido encerradas.

A Ferrominas e as suas fases

Conta-nos o Eng.º Gabriel Monteiro de Barros, filho de um dos fundadores da Ferrominas, o Eng.º Pedro Amor Monteiro de Barros, Professor do Instituto Superior Técnico, que a ideia da criação desta empresa mineira partiu do Eng.º António Branco Cabral, depois de ter participado numa conferência em Paris, em 1949, em que o Relator do Parecer das Contas Gerais do Estado à Assembleia Nacional se referiu às reservas inaproveitadas do ferro de Moncorvo. Por um lado, estava-se no contexto de uma alta de preços dos minérios decorrentes das necessidades de reconstrução europeia do pós-guerra e ainda da conjuntura da Guerra Fria, com destaque para a Guerra da Coreia. Por outro lado, ganhava alguma importância a ala industrialista do regime liderada pelo ministro Ferreira Dias Jr. o mesmo que dizia: "País sem siderurgia não é um país, é uma horta!"[55]. Em 1945, escrevera ele: "em 1919, era eu caloiro, ouvi pela primeira vez, na aula de Química Geral, falar no ferro de Moncorvo e na sua sílica. Por meu mal, já me esqueci de muita coisa que me ensinaram; mas desta de que a natureza nos brindara com um minério tão mau que o não podíamos aproveitar, ficou-me, como em geral nos ficam as injustiças que nos fazem. Produzir ferro passou a ser, no arquivo das minhas coisas mais íntimas, uma das obras bonitas que se podiam tentar em Portugal"[56]. Ferreira Dias Jr. vai estar na primeira fila dos paladinos da Siderurgia Nacional que se haveria de concretizar no Seixal no dia 24 de Agosto de 1961, depois da decisão tomada em 1955, quanto a essa localização, sob influência, entre outros, de António Champalimaud, contrariando as expectativas dos que pretendiam ver a Siderurgia portuguesa mais a Norte, se possível na proximidade das minas de Moncorvo[57].

Por outro lado, o plano Marshall para a reconstrução europeia injectava no velho continente milhões de dólares para a sua dinamização económica, criando um efeito induzido mesmo nas

55 ROLLO 2007 – Maria Fernanda Rollo, "País sem siderurgia não é um país, é uma horta". Memória da introdução da indústria da siderurgia em Portugal", in Engenium [rev. da Ordem dos Engenheiros], nova série, nº. 100 [p. 74-75].
56 DIAS Jr. 1945 [1998], p. 173.
57 RODRIGUES 1942; MADEIRA 1942.

economias mais periféricas à guerra (no princípio da neutralidade), como fora o caso de Portugal. Contudo, investigações recentes[58], têm vindo a demonstrar que também em relação a este país houve significativos apoios, apesar da relutância inicial de Salazar e de se não propagandear muito esse apoio americano. Por exemplo, uma das vertentes de apoio traduziu-se na realização de estudos, não só para barragens como para "avaliação dos recursos económicos da bacia do Douro", devendo a empresa (americana) que os deveria fazer, recolher "elementos detalhados sobre as possibilidades de exploração dos jazigos carboníferos e de minério de ferro, bem como na análise das possibilidades existentes e futuras do tráfego fluvial e ferroviário"[59]. Num relatório decorrente destas decisões, entregue ao governo em Agosto de 1952, apresentava-se o estudo das minas de Vila Cova, Guadramil e Moncorvo (todas de ferro), analisando as perspectivas económicas e financeiras da sua exploração futura, e "recomendava-se a realização de um estudo geológico completo da região de Moncorvo e a apreciação das possibilidades de criação de uma indústria de ferro que ponderasse a sua localização mais vantajosa e avaliasse as matérias-primas a utilizar"[60]. Estes documentos são de 1952, quando da criação da Ferrominas já se havia efectivado em Abril de 1951, mas não deixa de ser curiosa a convergência de objectivos e interesses, sem que se saiba se esta empresa beneficiou de algum modo desses estudos.

É possível que, tendo em conta o que atrás se disse sobre a ideia da siderurgia à boca da mina, ou nas proximidades (Pocinho ou Foz do Sabor), se tivesse dado prioridade à construção das barragens do Douro Internacional. Curiosamente, no 1°. Plano de Fomento (1953-1958), no capítulo da Siderurgia, diz-se claramente: "A exploração da força energética do rio Douro permitirá conseguir-se electricidade com relativa abundância", o que só aconteceria em 1958, segundo o plano. E, mais adiante, fala-se numa montagem inicial de um baixo-forno eléctrico (Krupp-Reun), para ensaios experimentais que deveriam acontecer entre 1957-1958[61]. Segundo G. Monteiro de Barros, os ensaios, promovidos pelo ministro Ferreira Dias, chegaram a realizar-se, e no 2°. Plano de fomento esteve prevista uma verba de 300.000 contos, que nunca foi utilizada, para a unidade Krupp-Renn a instalar em Moncorvo. Em todo o caso, segundo G. M. de Barros este processo deixava algo a desejar, desistindo a Krupp de uma unidade que tinha em Borbeck[62]. Pensamos todavia que não foi por motivos técnicos que isso não se efectivou, mas por outro tipo de interesses que puxavam a localização da siderurgia para o Seixal.

Não vamos analisar aqui em detalhe a história da Ferrominas, a qual já foi estudada em vários momentos[63], re-

58 ROLLO 2008 – Maria Fernanda Rollo, "De Picote a Carrapatelo, ou como o Plano Marshall alterou a hierarquia do aproveitamento hidroeléctrico do Douro", in Engenium, II série, nº. 103, Jan./Fev. 2008, [pp. 78-81].
59 Idem, ibidem.
60 Idem, ibidem.

61 Cf. o folheto O que é o plano de fomento? [1953], p. 20-21.
62 BARROS 1983, p. 106.
63 BARROS 1983; CUSTÓDIO 1983; CUSTÓDIO 2002a; CUSTÓDIO 2002c; CUSTÓDIO 2009; FOLGADO 2002; GIL 2002

ferindo apenas sinteticamente as suas diversas fases, do ponto de vista administrativo, assim sistematizadas por CUSTÓDIO 2009 (p. 199):

Ferrominas, Lda. (1949-1972), sob direcção técnica de Pedro A. Monteiro de Barros, fase em que se extraiu minério para o mercado externo (Alemanha e Inglaterra) e interno (Siderurgia Nacional);

Ferrominas, SARL (1972-1977), já na órbita da Siderurgia Nacional, sendo a fase do programa sistemático de sondagens tendo em vista a mudança do interesse industrial da mina para os concentrados de ferro;

Ferrominas, EP (1977-1986), sob direcção de Gabriel Monteiro de Barros, em que se elabora o Projecto Mineiro de Moncorvo e se aposta na valorização dos concentrados de pelletização do minério, a partir dos dados das Lavarias-piloto.

EDM – Empresa de Desenvolvimento Mineiro, EP (1986-1991), correspondendo à fase de liquidação da empresa após a reprovação do Projecto Mineiro de Moncorvo com vista ao relançamento da Siderurgia Nacional.

Quanto ao vigor económico e social da empresa e sua orientação no plano estratégico, consideramos outra possibilidade de periodização:

De 1951 a 1959 – fase sustentável, em que se extraiu a maior quantidade de minério para exportação, se mobilizou maior número de efectivos com afluxo de pessoas de outras paragens para esta região, gerando-se mais-valias suficientes para o apetrechamento técnico da empresa, com aquisição de um considerável parque de máquinas e construção de infra-estruturas;

De 1960 a 1965 – Fase agónica, em que a concorrência de minérios africanos e sul-americanos, além da baixa de preços dos minérios dos mercados se fizeram sentir de forma premente em Moncorvo, com salários em atraso, greves e, por fim, procura de outros modos de vida, sobretudo na emigração; a mina era mantida quase numa situação de "faz de conta" nos momentos de ausência de encomendas mas "convinha manter a imagem de uma laboração sem a qual não haveria mais crédito e se abriria falência"[64].

De 1965 a 1974 – minimização dos salários em atraso de alguns trabalhadores permitindo-lhes um sistema de "part-time" com a empresa Minacorvo, que se encontrava a instalar a Lavaria-piloto e a realizar ensaios na Mua. A aquisição da maioria das acções da Ferrominas, Lda., por parte de António Champalimaud permitiu também liquidar os salários em atraso e minorar o sofrimento dos trabalhadores; começam a gerar-se novas expectativas em relação à participação da Ferrominas na Siderurgia Nacional, o que viria a ter desfecho negativo, como se sabe, ainda antes do 25 de Abril;

De 1975 a 1985 – fase pós-25 de Abril, que os mineiros mais velhos chamavam de "Ferrominas rica". Corresponde à nacionalização da empresa, com algum rejuvenescimento dos quadros técnicos; indexação dos

64 BARROS 1983, p. 108.

ordenados dos operários ao salário mínimo nacional. Fase das grandes expectativas em função do Projecto Mineiro de Moncorvo e Siderurgia Nacional, considerado como projecto estruturante para alavancar a economia nacional, talvez, num primeiro momento (PREC) no quadro de uma economia planificada, mas posteriormente na esperança de apoios da CEE, em que Portugal se estava a integrar. O resultado foi o balde de água fria que se conhece!

De 1986 a 1991 – processo de liquidação da empresa, com passagem de alguns técnicos e operários para a empresa Nordareias, que adquiriu também alguns equipamentos; passagem de trabalhadores para outros serviços na sede do concelho; emigração de outros.

Também não vamos aqui tentar responder à questão de como era o modo de vida dos trabalhadores das minas, ou da Ferrominas, neste caso. Há um interessante depoimento do Eng.º Florentino Gil, publicado no Catálogo do Museu que cobre alguns aspectos das suas vivências[65]. Uma síntese mais alargada é o que está dentro dos projectos do Museu do Ferro & da Região de Moncorvo, através de um questionário vertido em ficha de inquérito, que tem vindo a preencher, desde há alguns anos a esta parte, junto dos antigos trabalhadores da Ferrominas (ou descendentes). Só depois e através de um extenso arquivo de memórias será possível ter um quadro de referência sobre o que foi a vida dos trabalhadores das minas, pelo menos nesta empresa mineira, conforme as épocas em que aí trabalharam e o seu escalão funcional (engenheiros, técnicos, escriturários, capatazes, mecânicos, motoristas, maquinistas, carregadores de fogo, marteleiros, marreadores, operários indiscriminados ou, em tempos mais recuados, os chamados "pinches" ou moços aguadeiros)[66].

A par de momentos felizes, há a registar episódios dramáticos como sejam os acidentes de trabalho (alguns mortais) que têm sido recenseados. Há, pelo menos, um caso de suicídio, em virtude de desespero. São conhecidos episódios de distúrbios, "com pancada e facadas", nos momentos em que o álcool era o escape, nas tabernas da região, na década de 50, razão por que havia um posto da GNR, com numerosos efectivos, junto à estação do Carvalhal de onde desapareceu a torva e o cabo aéreo, e os edifícios, destelhados, entraram em processo de ruína, tal como as infra-estruturas, vandalizadas, no alto da mina da Carvalhosa.

Está por medir, com rigor, impacto da Ferrominas na economia e sociedade local e regional. Mas pode-se dizer que, desde logo, a exploração da Ferrominas "perturbou a estrutura agrária, ao "inflacionar" o valor dos salários, provocando uma transferência da mão-de-obra da agricultura para as minas, movimento que transcendeu, obviamente, a região de Moncorvo, alcançando os confins do Douro (Régua, Santa Marta, etc.); por outro lado, dinamizou o comércio local, ao nível de abastecimento de ferramentas (o Eng.º Monteiro de Barros diz que no arranque

65 GIL 2002.

66 Um bom modelo para este tipo de trabalho, que esperamos seguir, é o estudo de Paula Rodrigues, sobre a Mina do Lousal (RODRIGUES 2005).

Minas de ferro de Moncorvo

Ao que parece, vão entrar em plena exploração os abundantes jazigos de ferro de Moncorvo.

Vão, afinal aproveitar-se, a ser assim, as riquezas mineiras de Roboredo, Carvalhal, Carvalhosa, Carvalhosinha e Mua.

Infelizmente, o sr. G. St. Clair, que das 30 concessões em que está dividido o jazigo ferrifero de Moncorvo é, actualmente, já possuidor de 21, intenta apenas extrahir o minerio e exportal-o, em vez de fazer a sua reducção.

O sr. G. St. Clair occupa já cerca de 100 homens explorando os jazigos de Moncorvo, a fim de se certificar da pujança, da profundidade que attinge a massa ferrifera, que, primitivamente, calculada em 45 ou 50 milhões de toneladas metricas, foi, posteriormente, em estudos recentes, auxiliados por trabalhos de pesquizas, computada apenas em 20 milhões, provindo esta differença de se não haverem nos primeiros calculos descontado as massas de schisto esteril alternando com as ferriferas.

As obras projectadas e indispensaveis para a regular exploração e lavra do jazigo, são estas:

Construcção de um caminho de ferro de via reduzida desde Moncorvo, até á estação do Pocinho, na extensão de 23 kilometros, vadeando o rio Douro por meio de uma ponte de ferro;

Construcção de um ramal de via larga, ligando Ermezinde com o porto de Leixões e para serviço exclusivo do transporte do minerio;

Construcção de uma ponte no porto de Leixões para acostagem privativa dos navios que venham carregar minerio.

E, a par d'estas obras a construir, a empreza exploradora dos jazigos de Moncorvo tem ainda como encargo o fornecimento ao Estado de cem wagons, que, nas viagens descendentes transportarão o minerio, e nas ascendentes poderão ser utilisados pela direcção do caminho de ferro do Minho e Douro, e conjunctamente de duas locomotivas, sendo em troca applicada no transporte do minerio a tarifa minima de 5 réis por tonelada e por kilometro.

das minas, em 1951, se esgotaram os stocks de ferramentas na vila (BARROS 1983, p.99) e, naturalmente de víveres, com o aumento da população. As "minas" dinamizaram a linha férrea do Sabor, através de um maior fluxo de pessoas, mercadorias (por exemplo maquinaria) e saída de milhares de toneladas de minério (1.352.000 toneladas entre 1951 e 1962, segundo BARROS 1983, p.102). Sobretudo durante o período áureo houve fluxos de capitais na região, gerando-se e distribuindo-se riquezas. Criaram-se oportunidades ao nível da formação de pessoal, desde mecânicos, soldadores, topógrafos, desenhadores e outras especialidades, que aqui tiveram o seu início da carreira. Em termos populacionais (demografia), as "minas" provocaram, ainda nos anos 50, movimentos migratórios internos, sobretudo com origem nas bolsas de pobreza do interior do distrito do Porto (Baião, Amarante) e da Região duriense (zona de Mesão Frio, régua, Santa Marta, etc.), onde a mão-de-obra braçal se encontrava calejada no granjeio das vinhas, desfazendo pedra e erguendo muros. A mão-de-obra mais credenciada veio de outras minas, nomeadamente da Panasqueira e Aljustrel.

Em suma, a Ferrominas representou a demonstração do que era possível e do que era impossível, relativamente ao minério de ferro de Moncorvo. A "possibilidade" foi um esticar da corda, usando, ao início, o improviso e a ousadia, mas também um grande saber, competência técnica e tenacidade na busca de soluções, um inconformismo que durou até ao fim. O possível durou enquanto os mercados assim o ditaram, em função dos parâmetros aceitáveis do Fe, da sílica e do fósforo, das conjunturas dos preços e também a duração, na mina, dos melhores filões. O "impossível" foi o conseguir tornar tecnicamente viável a exploração, tendo em conta os constrangimentos inerentes aos minérios e à rentabilidade económica da extracção, tratamento e transporte a longa distância, num cenário macro-económico pouco favorável. Quando os constrangimentos anularam o "lucro exíguo" de que fala G. Monteiro de Barros, entrou-se em ruptura. Precavendo a

situação, houve um investimento atempado (ainda nos anos 50), no estudo e na análise laboratorial dos minérios fazendo-se "consultas e ensaios perante os grandes especialistas na matéria, tornando Moncorvo mais conhecido nos laboratórios do que propriamente nas fundições"[67].

Na verdade fizeram-se inúmeras prospecções, sondagens de todo o tipo (por sanjas, galerias, poços), por carotagens, com as análises e ensaios referidos. As siderurgias foram consumindo o minério menos mau, em situação de necessidade, e em loteamento com outros minérios. Experimentaram-se várias formas de tratamento, tendo em vista os concentrados. Duas lavarias funcionaram na região: Minacorvo (1966) e Ferrominas (1971).

Concluímos então que, não tanto por questões conjunturais ou de escassez de capitais ou de iniciativa, mas pelos problemas inerentes ao próprio minério, foi este sendo rejeitado quer no plano de um aproveitamento nacional (embora aqui tivesse pesado outro tipo de circunstâncias) quer internacionalmente. Se fosse de muito boa qualidade há muito que teria sido explorado, logo nos inícios do séc. XX, pelos empórios estrangeiros. Todavia, foram estes, Saint-Clair, Schneider e Wakonigg Hummer que empreenderam, inicialmente esforço de prospecção e estudo fundamentais ao conhecimento da jazida. Trabalhos que os serviços oficiais portugueses acompanharam de perto e desde cedo, tanto do ponto de vista geológico (v. g. Nery Delgado, 1908, José A. Rebelo, anos 80), como engenharia de minas (repartição de minas do M.O.P., circunscrição mineira do Norte, serviço de Fomento Mineiro) ao longo dos tempos, com importantes conclusões, mas sem grandes resultados práticos.

O que ficou de tudo isto? Uma gigantesca literatura, composta de relatórios técnicos, artigos científicos, estudos e mais estudos, referências em inúmeras obras e revistas da especialidade, centenas ou milhares de artigos de jornal. E também uma vasta retórica, desde os discursos dos políticos dos finais da monarquia, até ao grande silêncio que se fez depois de 1986. Localmente as pessoas cansaram-se de ouvir falar na reabertura das minas. Chegaram ao momento final da estória de "Pedro e o Lobo". Interiorizaram a ideia de que "temos muito ferro mas não presta". O tema das minas de Moncorvo esgotou-se, como as próprias minas[68].

Na realidade, esta fase da História das minas de Moncorvo que já leva cerca de 130 anos, apenas conheceu um fugaz momento, entre 1951 e 1959, de exploração a sério, com alguma sustentabilidade, envolvendo grandes contingentes de pessoal e máquinas, sem grandes sobressaltos e com expectativas de continuidade. Não durou 10 anos.

Dos 35 anos de vida da Ferrominas, com todas as vicissitudes e transformações

67 BARROS 1983, p. 106.

68 Em 20.02.1995, durante a inauguração do Museu do Ferro & da Região de Moncorvo, na sede do concelho, o Engº. Monteiro de Barros, respondendo a uma pergunta do então Presidente da República, Dr. Mário Soares, sobre o porquê do encerramento das minas, respondeu simplesmente: "Fecharam porque o minério acabou". Depreendemos que se referia ao minério com valor económico e em condições acessíveis.

da empresa, 25 foram passados nas incertezas, angústias, expectativas, desilusões. Só um homem da têmpera e teimosia do Eng.º Gabriel Monteiro de Barros, e de uns poucos que o acompanhavam, poderiam resistir nessa luta contra o mito.

Num momento em que, de novo, se volta a sussurrar o tema das minas, acreditando alguns na perspectiva de um novo ciclo, amanhã ou depois, ou num futuro longínquo, é justo lembrar o nome do Eng.º Monteiro de Barros e dos que o porfiaram em realizar a Utopia.

Alguns projectos do Museu do Ferro e da Região de Moncorvo no âmbito do registo do património Geomineiro e das memórias do Ferro.

O Museu do Ferro & da Região de Moncorvo é o lugar onde se conta um pouco do longo historial de perspectivas e expectativas sobre o Ferro de Moncorvo e onde se reúnem alguns vestígios e documentos dessa exploração através dos tempos, a qual se pretende enquadrar no devir estrutural mais alargado da História da região[69]. Mas os que aí trabalham não se têm limitado à vertente expositiva e de comunicação ao público. Têm procurado montar uma estrutura de investigação e tentam reunir tudo o que ao Ferro em geral, e a Moncorvo em particular, dizem respeito. Tendo em vista a organização da informação disponível, o Museu, para lá do que está exposto ao público, está a desenvolver um pequeno Centro de Documentação com as seguintes secções:

Biblioteca especializada de apoio, com livros, revistas, artigos científicos, recortes de imprensa e folhetos, cobrindo a temática da geologia, mineração, metalurgia, arqueologia industrial, etnografia e museologia (possui inventário e base de dados informática);

Arquivo Documental, contendo alguma documentação proveniente da

Cabo aéreo, anos 50

69 Sobre o projecto museológico do MF&RM ver: REBANDA et al. 1996; CAMPOS 2002; CUSTÓDIO & CAMPOS 2002ª.

Ferrominas; o ficheiro clínico oferecido pelos herdeiros do Dr. João Leonardo, médico das Ferrominas; Relatórios e documentos oferecidos pelo Eng.º W. Jacobs sobre a Minacorvo; documentação relativa à Mineira da Aveleira (volfrâmio) oferecida pela Família de Manuel Brito, proprietária da mina – esta documentação foi já tratada e inventariada na generalidade, devendo sê-lo, posteriormente, em pormenor. Deverá prosseguir a recolha documental, com procura de novos documentos.

Arquivo de imagem – incorpora fotografias em papel fotográfico, negativos, slides e imagens digitais (em CD e disco duro), filmes em fita magnética e DVDs, apresentações em Powerpoint e Mooviemaker. Integra ainda o importantíssimo acervo fotográfico sobre a Ferrominas (Fundo Engº. Monteiro de Barros) que resultou da doação do Eng.º J. P. Monteiro de Barros Cabral, além de outros valiosos contributos (D. Ilse Semmler, W. Jacobs, Higino Tavares). Encontram-se tratados e digitalizados os fundos particulares, num total de 3.000 registos – está em curso a digitalização do conjunto de imagens recolhidas pelo próprio museu.

Exposição permanente e reservas – inventariação de objectos de colecção, temática dedicada ao Ferro. Foi elaborada uma ficha de registo a qual foi informatizada em base de dados FileMakerPro, contando-se até à data com cerca de 700 registos, em permanente actualização com novas entradas e complemento de informação nos registos existentes.

A nível de Projectos específicos que envolvem articulações entre trabalhos de campo e de gabinete, foram iniciados os seguintes projectos:

Ficheiros de Minas de Trás-os-Montes e Alto Douro – com a criação de uma base de dados em FileMakerPro, a qual é composta, até ao momento, por 823 registos, correspondentes a outras tantas minas no distrito de Vila Real, Bragança,

Norte do distrito da Guarda e de Viseu. Este trabalho foi realizado com base em dados do ex-IGM e bibliografia diversa. É propósito do museu elaborar, a partir dos dados gerais, uma Carta Geomineira do concelho de Torre de Moncorvo, com georreferenciação por GPS e em articulação com a Carta Arqueológica do concelho, onde se incluíram já os escoriais (ferrarias), cuja classificação e protecção legal se impõe.

"Memórias Mineiras" – este projecto visa a identificação de antigos trabalhadores das minas (da fase Ferrominas ou anteriores), através de recolha oral (directa ou indirecta, no caso de pessoas já falecidas), com alguns depoimentos registados por meio audio-visual. Foi elaborada uma base de dados com uma ficha-tipo preenchida a partir do ficheiro clínico que continua em permanente actualização, e já conta com mais de 1300 registos. Além dos elementos de identificação do trabalhador, a ficha pede informação sobre os trabalhos anteriores, período em que trabalhou nas minas, onde morava, função na mina, aspectos do quotidiano, etc. O objectivo deste trabalho é reconstruir as vivências das pessoas que trabalham no universo das minas através das suas memórias. Para além dos mineiros há ainda outro projecto similar referente aos ferreiros da região.

Arqueologia Mineira e Paleometalurgia – na continuidade dos estudos antigos do Prof. Adriano Vasco Rodrigues e Drª. Maria da Assunção Carqueja[70] e aos trabalhos recentes do Prof. Horácio Maia e Costa[71] – projecto a iniciar incidindo inicialmente no povoado fortificado da Cigadonha, através da prospecção sistemática com observação de superfície e prospecção geofísica, tendo em vista a localização dos fornos de fundição que produziram as escórias que se encontram no cimo do monte, na sua vertente e no vale.

Estes trabalhos têm sido realizados, à medida do possível, pela reduzida equipa do Museu, decorrendo paralelamente às demais actividades correntes de secretariado, atendimento de visitantes, organização, montagem e desmontagem de exposições. Cabe mencionar aqui o empenho e dedicação do Dr. Rui Leonardo, sobretudo nos trabalhos de inventariação e organização do Centro de Documentação do museu (CDOC/MF&RM)[72], de António Botelho, Fátima Dias, Patrícia Aires (colaboração temporária no âmbito de um estágio), bem como, Drs. Higino Tavares e Rui Rodrigues, geólogos, sócios do PARM e Amigos do Museu, além da coordenação e participação do signatário.

Impõe-se também o reconhecimento ao Município de Torre de Moncorvo pelo apoio que tem conferido ao Museu e a estes trabalhos, além de todos os Amigos do Museu pelas suas doações, informações úteis e precioso estímulo.

70 RODRIGUES & RODRIGUES 1962.
71 COSTA 2009.
72 O CEDOC/MF&RM dispõe de um blogue onde se disponibiliza alguma informação "on-line", regularmente actualizada.

BIBLIOGRAFIA:

ALVES, Francisco Manuel - "Moncorvo - Subsídios para a sua história ou notas extrahidas de documentos ineditos, respeitantes a esta importante villa transmontana", in: Ilustração Transmontana, 2º ano, 1909, pp. 59-60.

CAMPOS 2002 – Nelson Campos, "Um museu para Torre de Moncorvo", in CUSTÓDIO & CAMPOS 2002, Museu do Ferro & da Região de Moncorvo. Centro de Interpretação. Estudos. Catálogo. Vol. 1, Torre de Moncorvo, 2002, p. 12-17.

COSTA 2009 – Horácio Maia e Costa, "Os Escoriais de Moncorvo", in: Ciência e Tecnologia dos Materiais, vol. 31, n.ºs 3-4, 2009.

CUSTÓDIO & BARROS 1983 – Jorge Custódio, Gabriel Monteiro de Barros, O ferro de Moncorvo e o seu aproveitamento através dos tempos. Ferrominas, 1984.

CUSTÓDIO 1983 – Jorge Custódio, "O Minério de Moncorvo como charneira da História Industrial Portuguesa", in: Custódio & Barros 1983, O ferro de Moncorvo e o seu aproveitamento através dos tempos. Ferrominas, 1984.

CUSTÓDIO 2002a - "As Minas de Ferro de Moncorvo. Uma fonte arqueológica inesgotável", in CUSTÓDIO & CAMPOS 2002, Museu do Ferro & da Região de Moncorvo. Centro de Interpretação. Estudos. Catálogo. Vol. 1, Torre de Moncorvo, 2002, p. 64-95.

CUSTÓDIO 2002b – "Um caso de ferraria proto-industrial: a Chapa Cunha de Mós de Carviçais", in: CUSTÓDIO & CAMPOS 2002, Museu do Ferro & da Região de Moncorvo. Centro de Interpretação. Estudos. Catálogo. Vol. 1, Torre de Moncorvo, 2002, p. 98-115.

CUSTÓDIO 2002c – Jorge Custódio, "Para a História da Ferrominas. Apontamentos cronológicos" in: CUSTÓDIO & CAMPOS 2002, Museu do Ferro & da Região de Moncorvo. Estudos. Catálogo,vol. 1 Ed. Museu do Ferro & da Região de Moncorvo. Torre de Moncorvo, 2002, pp. 130-135.

CUSTÓDIO 2009 – "O Ferro como Património Industrial de Moncorvo: História, Mineração e Indústria", in: SOUSA, Fernando de (coord.), Moncorvo. Da Tradição à Modernidade, Ed. Afrontamento/CEPESE, Porto, 2009.

CUSTÓDIO & CAMPOS 2002 – Jorge Custódio; Nelson Campos, Museu do Ferro & da Região de Moncorvo. Centro de Interpretação. Estudos. Catálogo. vol. 1. Torre de Moncorvo, 2002.

CUSTÓDIO & CAMPOS 2002b – "O Museu do Ferro & da Região de Moncorvo. Um museu de território?", in: CUSTÓDIO & CAMPOS 2002, Museu do Ferro & da Região de Moncorvo. Centro de Interpretação. Estudos. Catálogo. Vol. 1, Torre de Moncorvo, 2002, p. 64-95.

DIAS Jr. 1945 – J. N. Ferreira Dias Jr., Linha de Rumo. Notas de economia portuguesa. Republicado como Linha de Rumo I e II e outros escritos económicos. Banco de Portugal, 1998.

DIONÍSIO s/d [1970?] – Sant'Anna Dionísio, Guia de Portugal, vol. 5, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, s/d.

ESCHWEGE 1838 [2007] – Barão d' Eschwege, Memoria sobre a Historia Moderna da Administração das Minas em Portugal. Edição Fac-similada do Livro Original. Ed. Direcção Geral de Energia e Geologia, Lisboa, 2007.

FERNANDES 1993 – Hirondino da Paixão Fernandes, "Bibliografia do Distrito de Bragança", Tellus, n.º 21, 1993.

FERNANDES 2008 – Adília Fernandes, Do Asylo à Fundação. 100 de um agir solidário em Torre de Moncorvo. 1908-2008, Palimage, Coimbra, 2008.

FOLGADO 2002 – Deolinda Folgado, "As minas de Moncorvo – espaços de vida e habitação", in: CUSTÓDIO & CAMPOS 2002, Museu do Ferro & da Região de Moncorvo. Estudos. Catálogo, vol. 1, Ed. Museu do Ferro & da Região de Moncorvo. Torre de Moncorvo, 2002, pp. 142-149.

GIL 2002 – Florentino Gil, "Um contributo para a história da Ferrominas", in: CUSTÓDIO & CAMPOS 2002, Museu do Ferro & da Região de Moncorvo. Estudos. Catálogo, vol. 1, Ed. Museu do Ferro & da Região de Moncorvo. Torre de Moncorvo, 2002, pp. 124-127.

LIMA 1890a – J. M. do Rego Lima,

Algumas palavras sobre as condições de adaptação da indústria siderúrgica em Portugal, Typografia Universal, 1890.

LIMA 1890b – J. M. do Rego Lima, "Considerações geraes sobre o estado da industria de exploração de minas nos districtos de Bragança, Faro, Vila Real e Vizeu [Minas de Moncorvo]", in: Inquérito Industrial de 1890, vol. I – Indústrias Extractivas. Minas e Pedreiras, Imprensa Nacional, Lisboa, 1890, pp. 118-212.

LINK 1805 – M. Link, Voyage en Portugal par le M. le Comte de Hoffmansegg et faisant suite à com voyage dans le même pays. Paris, 1805.

MADEIRA 1942 – António C. Madeira - "Moncorvo, centro mineiro", in Livro do Segundo Congresso Trasmontano. Ed. Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, Lisboa, 1942, pp. 300-319.

MORAIS, Cristiano de – "Pela minha terra transmontana. O problema do ferro e a montagem da Siderurgia Nacional em Moncorvo". Marânus, pp. 5-16. Porto, 1956.

NEVES 1814 – José Acúrsio das Neves, Variedades sobre objectos relativos às artes, commercio e manufacturas (...), tomo I, Lisboa, Imprensa Régia, 1814, p. 207.

NAIQUE 1982 – R. Naique, "Importância de uma metodologia sistemática enquadrando diversos aspectos geológico-mineiros para o estudo de aproveitamento de jazigos minerais – caso do jazigo de ferro de Moncorvo", in: Geonovas, vol. 1, n.º 3, Lisboa, 1982, pp. 43-52.

O QUE É O PLANO DE FOMENTO NACIONAL? Companhia Nacional Editora, Lisboa, 1953. 30 pp.

PEIXOTO 1972 – Rocha Peixoto, Obras. Volume II – Museu Municipal do Porto. Ensino. Política. Ensaios Diversos. Economia. Edição da Câmara Municipal da Póvoa do Varzim, 1972.

REBANDA et al. 1996 – Nelson Rebanda, Miguel Rodrigues, Ana Mascarenhas, Museu do Ferro e da Região de Moncorvo. Introdução a um programa museológico. Trabalhos do Museu, 1, MF&RM, 1996.

REBELO 1992 – Joaquim Manuel Rebelo, O Convento de São Francisco de Moncorvo, Ed. Escola Preparatória de Torre de Moncorvo, Torre de Moncorvo, 1992.

RIBEIRO 1856 – Carlos Ribeiro, "Consideraciones sobre las minas de Portugal", in. Revista Peninsular, 2º vol., Lisboa 1856, pp. 308-311.

RODRIGUES 1942 – Adriano Rodrigues, "O problema nacional do ferro (Extracto)", in Livro do Segundo Congresso Trasmontano. Ed. Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, Lisboa, 1942, pp. 193-225.

RODRIGUES 2005 – Paula Rodrigues, Vidas na Mina. Memórias, Percursos e Identidades. Celta Editora, Oeiras, 2005.

RODRIGUES & RODRIGUES 1962 – Maria da Assunção Carqueja Rodrigues, Adriano Vasco Rodrigues, "Subsídios para o estudo das ferrarias do Reboredo - Moncorvo", in Lucerna, Cadernos de Arqueologia do Centro de Estudos Humanísticos, vol. II, nº. 1-2, pp. 3-22 + X. Porto, 1962.

ROLLO 2005 – Maria Fernanda Rollo, Memórias da Siderurgia. Contribuições para a História da Indústria Siderúrgica em Portugal. Históra Publicações, Lisboa, 2005.

SAMPELAYO 1929 – Primitivo Hernández Sampelayo, "Criadero de mineral de hierro de Moncorvo (Portugal)". Instituto geológico y Mineiro de España, vol. II, nº. 2. Madrid, 1929.

SÉCULO (O) 1899 – "Minas de Ferro de Moncorvo", in: jornal O Século, Lisboa, 27.03.1899.

SEQUEIRA & MALHEIRO 1880 – Pedro Victor da Costa Sequeira, Lourenço Augusto Pereira Malheiro, "Relatório sobre as minas de ferro de Moncorvo", in: Revista de Obras Públicas e Minas, ano XI, Tomo XI. Associação dos Engenheiros Civis Portugueses. Imprensa Nacional, Lisboa, 1880, pp. 119-132.

SERRÃO 1890 – Manuel Francisco da Costa Serrão, "O caminho de ferro do Pocinho a Miranda do Douro", Revista de Obras Públicas e Minas, ano XXI, Associação dos Engenheiros Civis Portugueses. Imprensa Nacional, Lisboa, 1890.

THADEU, Décio – "Le Gisement de Fer de Moncorvo (concession de Fragas da Carvalhosa)", in Boletim da Sociedade Geológica de Portugal, vol. X. Porto, 1952, pp. 59-77.